



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

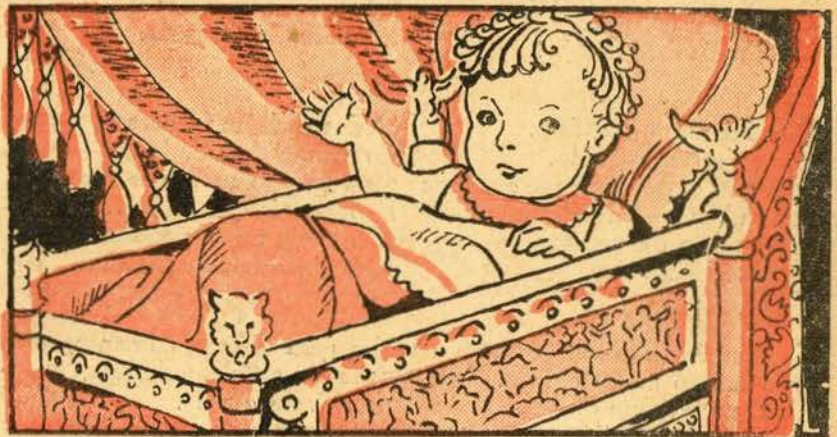
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## HISTORIA DO REI TROMBUDO

◀ || Por LAURA CHAVES || ▶  
Desenhos de A. CASTANÉ

Vou contar-lhes uma história  
e creiam não há memória  
de haver outra assim bonita:  
mete fadas, mete um rei,  
seus vassallos, nem eu sei!  
Parece mesmo uma fita.



Havia um rei, D. Trombudo,  
ambicioso, façanhudo,  
que só pensava em riqueza.  
Vivia o povo em desgostos  
porque êle lançava impostos,  
tudo estava na pobreza.

Quando lhe nasceu o herdeiro,  
mandou, pelo reino inteiro,  
um arauto apregoar  
que para o régio enxoval,  
quer fôsse a bem, quer a mal,  
tudo tinha de entregar

trinta peças de oiro fino,  
para que o real menino  
dormisse num berço de oiro.  
Mas o povo, já sangrado,  
não correu ao seu chamado  
e nada entrou no tesoiro.

A majestade, danada,  
mandou chamar logo a fada,  
que do filho era madrinha,  
para eia aconselhar  
a forma de se vingar  
de acção tão vil e mesquinha.



Disse, então, o senhor rei:  
—Visto ser a minha grei  
assim tão pobre e indigente,  
vou dar cabo dela à tôa.  
Ora a fada que era boa  
e bastante inteligente,

fingiu aceitar a idéa,  
embora a achasse mais feia  
que uma noite de trovões.  
Começou logo a pensar  
como havia de evitar  
suas cruéis intenções.



E vendo que era a ambição  
que lhe toldava a razão  
quize dar ao rei um castigo  
que lhe ficasse de emenda  
e o arrancasse da senda  
que punha o povo em perigo.

Tanto a fada matutou  
até que, por fim, achou.  
Respondeu, tôda lampeira,  
falando assim:—Meu senhor,  
atendei-me, por favor:  
vou dizer de que maneira



há-de ter vosso menino  
o seu berço de oiro fino  
mais rico do que um sacrário,  
tudo pago pelo povo  
sem que um só cruzado novo  
saia do real erário.

O rei quando tal ouviu  
nem deu resposta, entupiu.  
A fada dava-lhe ensejo  
de inda mais enriquecer  
e de assim satisfazer  
o seu mais caro desejo!

Que falasse a boa fada  
porque seria escutada.  
Disse ela então:—Eu me explico:  
vou findar com a pobreza,  
todos serão da nobreza,  
o pobre ficará rico.

E assim foi. Ao outro dia  
nem um só pobre existia.  
Tudo nadava em dinheiro.  
O monarca ambicioso  
deu um berço sumptuoso  
ao príncipe seu herdeiro.

Passado o primeiro instante  
em que o povo, radiante,  
andava numa poalha  
divertindo-se a valer,  
o rei começou a vêr  
o reverso da medalha.

A gente que trabalhava,  
agora os braços cruzava.  
Ninguém já nada fazia.  
Fechou o talho, o padeiro,  
a farmácia, o mercieiro,  
a taberna, a drogaria.

Tôdas as lojas fecharam,  
no campo logo findaram  
num pronto as fainas, as lides.  
E por mais que se corresse  
não havia quem vendesse  
nem cinco réis de pevides.

Era uma desgraça imensa.  
A fome, a sêde, a doença,  
assolavam o país,  
como pragas infernais!  
Pois por ser rico demais  
é que o povo era infeliz.

O rei bem o compreendeu  
e logo reconheceu  
o que a fada quize provar:  
que o dinheiro, na verdade,  
é uma inutilidade  
se não há a quem o dar.

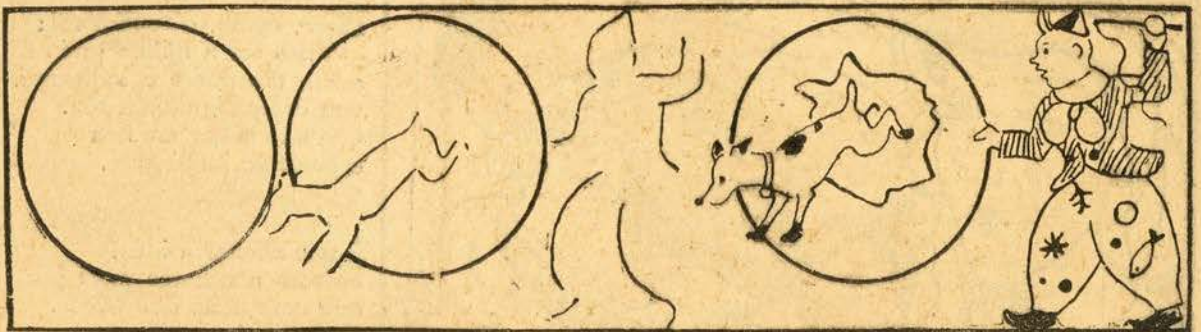
E pediu à fada, então,  
que restituisse à nação  
êsse tempo tão feliz  
em que existia a pobreza  
que trabalha e dá riqueza  
e torna grande um país.

A fada, ao vê-lo emendado  
do seu tão feio pecado,  
teve um gesto generoso  
e não há hoje no mundo  
um reino assim tão fecundo  
tão rico e tão venturoso.

.....  
O conto do rei Trombudo  
tem êste belo conceito:  
E' preciso haver de tudo  
para o mundo andar direito.

✻ F I M ✻

## L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um palhaço e um cão amestrado



# REBÉUBÉU TOLEIRÃO

● Por GRACIETTE BRANCO ●

Rebéubéu era um cachorro, muito peludo e toleirão, que se considerava superior a todos os outros cães, e, um dia, resolveu deixar de ser cão.

—«Nada! Não quero acotovelar-me com êles. Vou passar a ser leão. Vou ao cabeleireiro, tosquio o corpo e deixo, apenas, em volta da cabeça, os meus compridos e felpudos pêlos, que, assim, parecerão uma juba. Ao vêr-me, a multidão, assustada, fugirá, os cães esconder-se-ão com medo e eu serei o senhor do mundo.»

Dito e feito.

Enfiou pela porta do cabeleireiro Zé Navalha, e, passados instantes, safu o nosso amigo Rebéubéu, assustadoramente transformado num terrível leão da mais emaranhada selva africana.

Não podem descrever-se os gritos da multidão, os uivos dos cães, escondidos, trémulos e enfiados, nos humbrais das portas, e em todas as bocas havia a mesma frase glacial, enquanto se cerravam as janelas e, hermeticamente, se trancavam os portais:

—«Anda um leão fugido pelas ruas da cidade! Seremos comidos vivos! Vai ser mortandade geral!»

E o imponente leão, cínico e majestoso, continuava a passear pela cidade, enquanto tremiam as paredes dos prédios, com os seus rugidos, que fazia por tornar o mais leônico possível...

Um dia, porém, uns velhos e heroicos guardas do Jardim Zoológico, combinaram, entre si, dar caça ao poderoso animal e, nessa mesma noite, levando uma esplêndida ratoeira para leões, que, neste caso, deverá chamar-se *leoneira*,—grande descoberta do famoso guarda ôlho de lynce—saíram, para as ruas, cheios de coragem e heroísmo!



O já famoso leão avançava, pachorrentamente, assobiando o Timpanas, quando, de súbito,—oh, Céus!—se sentiu prêsco, amarrado, engaiolado, embora lutando valentemente, mas, apenas, com força de cão e nunca de leão...

No dia seguinte, reinava grande alegria em toda a cidade e os guardas eram aclamados e levados, entusiasticamente, às cavalitas do povo.

Porém, no Jardim Zoológico, uma grande tragédia se estava passando.

Imaginem os meninos que o toleirão Rebéubéu foi metido numa jaula, ao lado de autênticos leões!!!

Que horror! Que horror! Que horror!... O seu coração andava mais depressa do que o comboio rápido, quando os leões, desconfiadamente, o olhavam de alto a baixo...

Até que, num dia em que se sentiu com hipertensão quasi fatal, fez tensão de se abrir francamente com o guarda:

—«Senhor Guarda! Perdão! Perdão! Tire-me desta prisão! Eu não sou leão; sou, apenas, cão toleirão e fanfarrão!...»

E foi desta maneira, entre a troça geral, que o Rebéubéu toleirão, de novo, voltou a ser, modestamente, cão!







# NINHOS DE PÁSSAROS

Por ANAO SABICHAO  
Desenhos de A. CASTANÉ

Tenho a certeza que vocês, meninos que me lêem, gostarão de saber coisas interessantes, sobre a vida dos pássaros.

Eu, que tanto convivo com as avezinhas, que tanto admiro a sua lindeza, tanto me encanto com as suas vozes e engenho, posso bem instruí-los, de muita coisa que vocês desconhecem. Quantas vezes tenho seguido um desses trabalhadores alados, examinando, parvo de espanto, a minúcia e delicadeza com que constroem os seus ninhos.

Do material variado que o macho traz, a fêmea faz uma construção confortável!

Com o seu bico afiado, desfia os raminhos, as palhinhas, as hastes secas, tece-as, amassa o musgo e, com as patinhas, cava o ninho e arranja-lhe as bordas.



Depois, tapa esse esqueleto, com um espesso colchão. Os ovos, frágeis, depois os passarinhos, mais frágeis ainda, repousam ali, sem perigo, com o calor necessário para o desenvolvimento das suas forças.

Para os ninhos ficarem em segurança, escondem-nos da curiosidade indiscreta!...

Não há manha que os amigos pássaros não usem!...

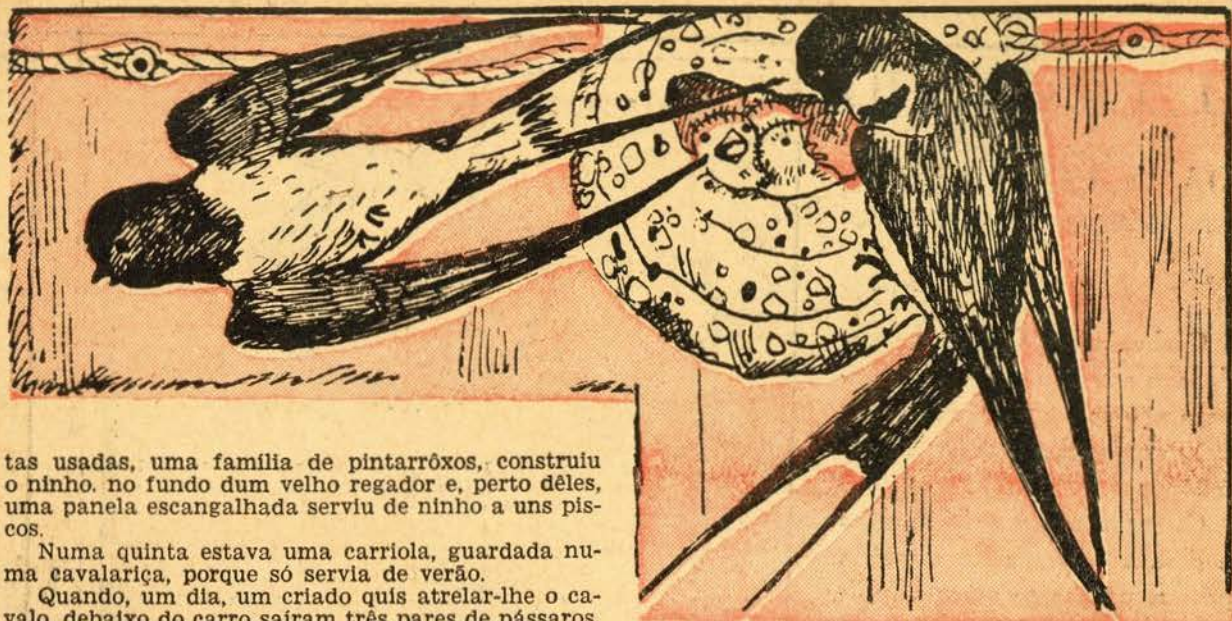
Um dia, calculem os meus meninos, uma criança brincava num jardim, com uma casca de coco—isto, já se vê, passou-se numa terra africana, que é onde é mais vulgar haver coqueiros—ora a casca de coco caiu numa árvore e ali ficou, presa nos ramos.

Qual não foi a surpresa do jardineiro, quando, daí a tempos, viu que um par de passaritos tinha feito o seu ninho nessa casinha improvisada.

Também uma vez, num canto dum parque onde deitavam ramos secos, vasos quebrados, ferramen-







tas usadas, uma família de pintarrócos, construiu o ninho, no fundo dum velho regador e, perto deles, uma panela escangalhada serviu de ninho a uns piscos.

Numa quinta estava uma carriola, guardada numa cavaliça, porque só servia de verão.

Quando, um dia, um criado quis atrelar-lhe o cavalo, debaixo do carro saíram três pares de pássaros, a voar alvoroçados, e ouviram-se uns piús-piús aflitivos.

O homem debruçou-se, e o que viu?

Três ninhos agarrados ao fundo das tábuas da carriola e uma quantidade de biquinhos desmedidamente abertos, como a pedir misericórdia!

Então, caridoso, o homenzinho despegou os ninhos das tábuas, com mil cuidados, e foi suspendê-los num telheiro, onde as mãis andorinhas não tardaram a juntar-se a eles.

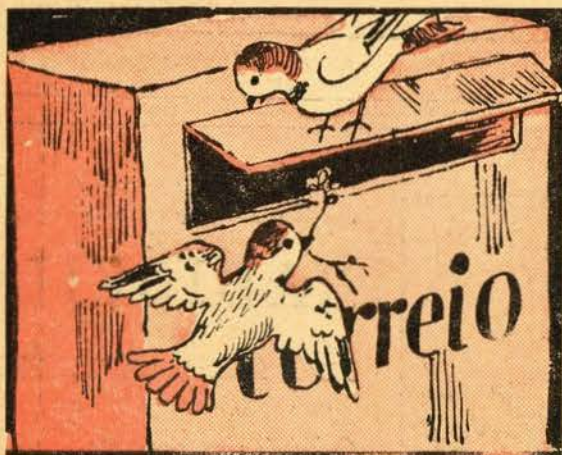
Sei ainda um caso bem engraçado, acontecido numa herdade que tinha à porta uma caixa para correspondência.

Como a abertura era bastante larga, uns passarinhos conseguiram introduzir-se lá dentro.

All construíram o ninho, indiferentes à mão do carteiro que lá metia as cartas e à do criado que as tirava!

No meio de jornais e cartas, num montão de penas e ervas, a fêmea chocou os ovos.

Quando, mais tarde, os filhinhos nasceram, o dono da herdade, com pena da família dos pássaros,



deu-lhes de presente aquela casinha improvisada por eles.

Três semanas depois, os recém-nascidos puderam voar, voltando a caixa às funções primitivas.

Como vocês sabem, é a andorinha o pássaro que menos se assusta com a vizinhança do homem.

Quando esta linda ave faz o seu ninho, numa casa, toda a gente os respeita e elas voltam, então, ao mesmo sítio, todos os anos.

Imaginem os meus amiguinhos que um par de andorinhas construiu o seu ninho no corredor dum palacete.

Durante o inverno foi preciso arranjar uma campainha ali e tiveram de furar o ninho, para a corda passar por trás.

As andorinhas voltaram na primavera e logo concertaram o estrago, mas, ao mesmo tempo, com o conserto imobilizaram o fio.

Assim que quiseram tocar a campainha, o ninho tornou a escangalhar-se.

Todos pensaram que elas o abandonariam, para o reconstruir noutra sítio.

Mas as espertalhonas conseguiram que a campainha, já no dia seguinte, tocasse, sem que o ninho sofresse com isso!

Haviam construído uma espécie de tunel, entre a parede e o ninho e por ali passava o fio e manobrava livremente, deixando-as viver dentro do ninho, sem serem incomodadas.

Antigamente, nas aldeias, quando se construía uma casa, reservava-se, sempre, um cantinho para os ninhos.

Era um hábito muito bonito, pois as avesinhas são mensageiras de alegria.

Este Anão, que as trata como irmázinhas, ficou bem contente por ter ocasião de contar aos leitorinhos do *Pim-Pam-Pum* a inteligência e engenho de que são dotados os graciosos e lindos animalzinhos que todos devemos amar e proteger.

■ F I M ■

O LINDO LIVRO

PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século pôs, á venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa Rita é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos



# O CESTINHO DA COSTURA

Querida Suzette

Coube, hoje, a vez ao teu guardanapo e espero que a linda boneca não se tenha zangado com a demora involuntária da sua mamã!

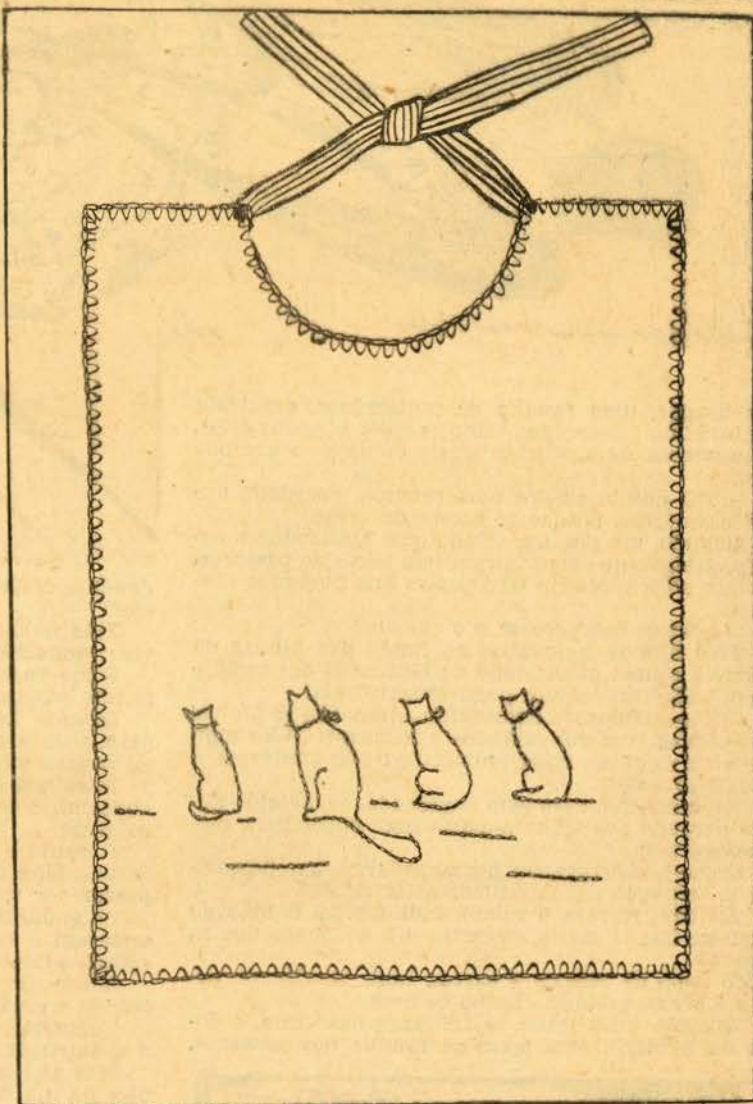
Começas, agora, a deitar mãos à obra e depressa hás-de vê-la pronta, porque se executa facilmente.

Tu já sabes fazer o ponto cadeia, não é verdade? Pois, então, vais fazer com êle os gatinhos, e quando todos os *miaus* estiverem prontos, é preciso fazer uma baínha à roda da guardanapo e correr-lhe duas fitas para atar à roda do pescoço.

Essa baínha é, primeiro, alinhavada e depois trabalhada com um pontinho de «crochet» que ficará muito bem, feito com algodão *perlé* brilhante, encarnado.

Vossa

Abelha-Metsra



## ZÉZÉ RADIÓFILO

Por ZÉ D'ALDEIA

O Zézé, rapaz esperto,  
Tomou-se duma mania;  
Construir um aparelho  
De rádio-telefonía!

Comprou pilhas, uns arames,  
Quatro lâmpadas baratas...  
E, p'ra fazer o *parleur*,  
De conservas velhas latas!



Fios em segunda mão,  
Considerados sucata...  
Mais uma caixa de pinho,  
Que teve pasteis de nata!

Mãos à obra pôs um dia,  
Para, ao fim dumas semanas,  
Poder ouvir todo o mundo  
P'las ondas hertzianas!

Já concluído o aparelho,  
Como êle fica contente!  
E todo êle é emoção  
Após ligá-lo à corrente!

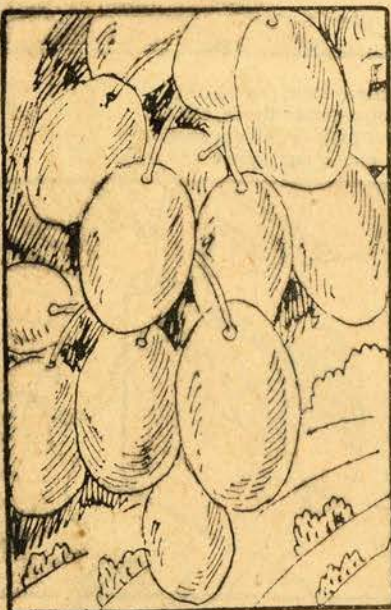
Vai surgir da Emissora  
A potente radiação...  
Com o ponteiro procura  
A nossa grande estação!

Mas de dentro do aparelho,  
Mais mudo do que um calhau,  
Sai uma voz conhecida,  
A miar um *rinhaunhau!*

Foi o Tareco, coitado,  
O seu gato, o seu amor,  
Que, para o livrar de apuros,  
Se tornou posto emissor!...

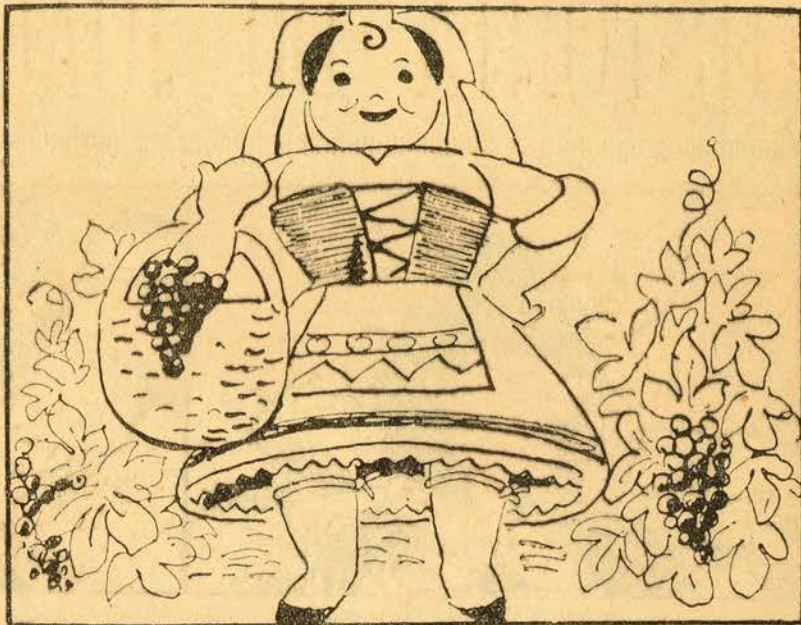
■ ■ FIM ■ ■

# ADIVINHA



Onde está a menina que gosta muito de uvas?  
Solução do enigma anterior: Carapau.

# PARA COLORIR



## ENIGMA PITORESCO



## PALAVRAS CRUZADAS

Solução do numero anterior  
D. AFONSO HENRIQUES



O  
CONCURSO  
DA  
EMISSORA  
NACIONAL  
SECÇÃO  
CULTURAL  
INFANTIL  
(CLASSIFICADA)



Menina Severina Mendes Felice



# HISTÓRIA DO JOÃO-RATINHO



I — Apresento-vos, meninos,  
o Joãozinho Ratinho...  
Rato esperto e dos mais finos,  
a-pesar de pôbrezinho.



II — Corre, pula, dança, salta,  
e a verdade seja dita:  
tem tudo, nada lhe falta  
nas despensas que visita.



III — Tal sorte tem este rato  
que a todos mete num feixe.  
E' mesmo amigo do gato  
que até lhe dá do seu peixe!



IV — Come e bebe por favor,  
mas, a-pesar disso, anseia  
casa própria e bem melhor  
do que a sua, que é tão feia.



V — Um dia, ao ver uma caixa  
envernizada e bonita,  
diz, encantado, em voz baixa:  
— eis um palácio catita!

VI — Mas era uma ratoeira  
na qual, ao entrar, surpreso,  
sem saber porque maneira,  
reparou que estava preso.

VII — Agora um dito ao ouvido,  
para o leitor perceber:  
— Mais vale o mal conhecido  
do que o bom por conhecer!